O esporte, o homem e a corporeidade: a aventura da humanidade

O esporte indubitavelmente, é um dos fenômenos sociais mais sensíveis e abrangentes do nosso tempo. Sua penetração ocorre com tal magnitude que outros fenômenos tais como a economia, a política, a ideologia e a religião, não raro, se desvelam através do jogo esportivo. Entretanto, como uma manifestação do homem, junto aos vetores da cultura, possibilita e dá sentido à motricidade humana através do lúdico, do prazer, da magia e da convivência harmônica. O esporte se utilizado sob os pilares da ética, de forma inequívoca pode levar o homem contemporâneo a viver a fascinante aventura da construção da paz e do equilíbrio social.

Sport, undoubtedly, is one of the most touchy and containable social phenomena of our time. Its penetration occurs so highly that other phenomena such as economics, politics, ideology and religion, not so rare, are developed through plays and games. However, as man's manifestation, together with the vectors of culture, enable and give sense to human motricity through pleasure, magic and harmonic familiarity. Sport uses the pillar of ethics, in an unmistakable way, taking the contemporary man to live a fascinating adventure of the construction of peace and social balance.

El deporte, indudablemente, es uno de los fenómenos sociales mas sensibles y abrangentes de nuestro tiempo. Su penetración se manifiesta con tal manitud q otros fenómenos tales como la economía, la política, la ideología y la religión, se revelan a través del deporte. Sin embargo, como una manifestación del hombre junto a los vectores de la cultura, dá posibilidad y sentido a la motricidad humana através de la fantasia de jugar, del placer, de la magia y del convivio harmonioso. El deporte, se utilizado sobre los pilares de la ética; de fomra inequívoca puede llevar el hombre contemporaneo a vivir la fascinante aventura de la constucción de la paz y del equilibrio social.

Palavras-chave: esporte, cultura, sociedade, corporeidade, equilíbrio social.

Autor:

Prof. Dr. Angelo Luis de Souza Vargas

Doutor em Ciência da Motricidade pela FMH da Universidade Técnica de Lisboa, Mestre em Educação pela UFRJ, professor de Educação Física, Pedagogo e Advogado, Professor do Curso de Educação Física da Universidade Estácio de Sá.

Introdução: fim do mundo / fim do homem

Não nos custa lembrar que o fim do mundo foi anunciado num dia 11 de agosto, de acordo com Nostradamus. Muita gente acreditou, principalmente as crianças. Muitas inclusive, conseguiram não ir à escola, ficar dormindo até tarde, "matar a aula".

Muitos adultos levaram a coisa a sério. Não só no Brasil ou nos países do terceiro ou do quinto mundo... Pelo menos no Rio de Janeiro, que é onde nasci e onde vivo, a cidade amanheceu coberta por um grande nevoeiro e a idéia de que o mundo já tinha acabado tornou-se palpável, real.

O fato é que estamos aqui, adentramos o terceiro milênio e o mundo continua. Ainda que muita gente acredite que o mundo já vem acabando há muito tempo. Thomas Jefferson afirmou que a domesticação do cavalo tinha sido um erro para a humanidade. Hoje, com a clonagem de animais, Thomas Jefferson deve estar se revolvendo em seu túmulo de herói e de profeta... E o que dirão os profetas quando a religião e as ideologias se fundem nansanidade do fundamentalismo e maculam o mais natural dos direitos: a própria vida!

Mas quem domina este esporte de nascer e morrer? Quem pode decretar o fim de todos os recordes? Ao final do século 20, tudo se anunciou e tudo passou a ser velho. Tudo é o fim e o começo de tudo. E o fim de tudo não é mais o recorde dos 100 metros. Não é mais o último round. Não é mais o quinto set. Não é mais o apito final do juiz.

O que está sendo anunciado não é mais o fim de uma partida, de uma competição, de uma competição, de uma modalidade esportiva. O que se anuncia é o fim do homem. O fim do mundo. O fim de uma certa idéia de homem. O fim de uma idéia de mundo.

Mas o certo é que não é possível acreditar totalmente nas profecias.

O esporte também tem lá as suas profecias ou pelo menos as suas vocações, ideologias, visões do futuro. Utopias. Autopia do esporte vem nos acompanhando de uma forma clara ou oculta, declarada ou subliminar. Está presente no texto de todos os pensadores do esporte.

A intelectualidade contemporânea, de forma inequívoca, converge no sentido de conceber a atividade esportiva como parte de um rol de ações que visam restabelecer as energias do corpo e o restabelecimento do estado de prontidão da mão-de-obra. Observa-se as atividades esportivas como um "ingrediente" para a "panacéia" dos males do nosso século, o século da automação.

O Cosmos do esporte envolve emoções, paixões e delírios, FERREIRA (2001) tão bem infere com uma indagação sentencial quando relaciona o prazer do labor com o prazer do esporte: "Quem não presenciou a alegria estampada nos rostos dos trabalhadores ao resolver um problema que não tem solução? Aquele que dá a idéia é festejado como herói e ao mesmo tempo em que os outros procuram mostrar como apontaram para aquele caminho. A festa do regozijo, de crescimento, fortalece os elos de amizade... Quem ainda não presenciou a alegria vivida coletivamente por jogadores na marcação de um gol favorável ao seu time? Rostos suados, sorrisos, lágrimas se confundem com manifestações afetivas de afagos, beijos e abraços". FERREIRA in VARGAS (2001, p:39)

Para BOURDIEU, o esporte ocupa um espaço capital no que diz respeito à produção de bens que, por sua vez, manifestam-se na

forma de símbolos sociais e toda essa simbologia é capitalizada para a produção de bens de consumo já que a distribuição específica de classe da prática esportiva não está baseada apenas na desigualdade de recursos financeiros disponíveis, ela baseia-se também nas diferentes percepções e entendimentos da prática esportiva.

Para SANTIN (1990), o lúdico está no centro axiológico da prática do esporte. É um jogo cultural que envolve o homem por inteiro. Diz SANTIN: o lúdico não constitui uma categoria igual ao valor estético, de saúde ou de performance de um corpo. E conclui: o corpo lúdico pensa, sonha, inventa, cria mundos, onde é capaz de assumir todas as responsabilidades de viver com amor e liberdade.

Por seu lado, TUBINO condena o "*chauvinismo esportivo*" e todas as tentativas de fazer do esporte uma corrida desarmada sobre as barreiras da ética e da bioética.

ARAGÃO infere que o Desporto, como fenômeno social, como vida, como realização e harmonia interior, é tratado no universo de categorias com as quais convivemos no dia-a-dia, com os limites morais, com Lei e o Direito, numa dimensão macro da ciência do Movimento Humano. ARAGÃO in VARGAS (2001 - p:79)

Muitos pensadores poderiam ser citados tendo em comum a visão restauradora, construtora, humanizadora do esporte.

Em Manuel Sergio e Noronha Feio aprendemos que:

Virgílio, Horácio, Tibulo, Propércio, em Roma; Dante e Petrarca, na Idade Média; Rabelais, Cervantes, Camões, Francisco de Azevedo, Jerônimo Mercurialis, Rousseau na Idade Moderna; Frederico Mistral, Horácio Quiroga, Marinetti (o sacudido criador do futurismo), Rafael Alberti, Paul Eluard, Gilbert Proteau, Jean Prévert são mais nomes de relevo (entre outros) que poderíamos acrescentar ao rutilo friso dos escritores gregos e ao número interminável de escritores de todas as idades que tremeram de entusiasmo diante da expressão corporal e da vontade de vencer dos atletas artistas e do espetáculo multitudinário que habitualmente os rodeia. MANUEL SERGIO e NORONHA FEIO, (1978; p:9)

I- O Corpo Narcísico: viagem ao espelho

Talvez a grande utopia do esporte seja a de elevar o homem a um grau quase sobre-humano de excelência, de saúde, de beleza física, etc. Não sobre-humano. Nem divino. O esporte sempre esteve entre o rol dos veículos que tornaram possível elevar o homem até a altura de si mesmo.

Neste nível, nesta elevação da beleza e da excelência, o esporte pode até estar seguindo o seu rito sagrado, o seu rumo.

Mas o fato é que esse espaço de beleza foi ocupado, pelo menos no Brasil, pelas academias de ginástica. Elas, as academias (não as de Letras, não as de Ciências) as academias de beleza ocuparam esse espaço da elevação do homem e da mulher a um ideal de perfeição. E o certo é que este ideal virou um comércio, uma indústria. Essa instância do comércio e da indústria, aliás, vão transformar poderosamente todo o esporte... Vão fazer do corpo uma espécie de máquina de Narciso, uma viagem ao mundo do espelho. NOVAES (2001) em seus estudos demonstrou que a substancial procura pelas academias de ginástica ocorreu por motivos estéticos, o que torna possível inferir que a "saúde" enquanto fator essencial para a qualidade de vida está em última análise, impregnada pelas simbologias culturais.

Por vezes presenciamos a exacerbação do corpo, de forma que algumas vezes ele pareça estar dissociado do próprio ser. Ele, o corpo, simplesmente identificado na categoria de

"objeto" de uso e consumo. Importa denunciar que a história da humanidade ocidental, mergulhada no conhecimento religioso condenou o corpo ao cárcere da solidão, do pecado, do profano e VIANA DA SILVA infere que: como invólucro da alma nos quase dez séculos medievais. "Não resta dúvidas que a vitimização do corpo pelo homem possui antecedentes históricos. Para o mesmo autor numa tendência ao igualitarismo, a natureza nos fez indivíduos singularmente identificáveis, inclusive pelos aspectos biológicos e psicológicos, além do que nos afigura como consequência natural pela cultura. A homogeneidade jamais foi a marca do humano, fato que o processo civilizatório nos comprova a olhos nus". VIANA DA SILVA in VARGAS, (2001; p:61).

O certo é que a exploração do corpo virou um grande negócio e, nos dias hoje, é até bom ninguém ter nada contra um bom negócio. Os números são astronômicos. As feiras de *fitness* (*fitness*, uma palavra que com certeza não é portuguesa e nem brasileira), tem sido o grande outdoor, o grande happening (outras palavras...) da geração saúde. Assim um dia 11 de agosto, no mesmo dia em que ia acabar o mundo, foi aberta no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, a 16ª edição da Feira *Sports & Fitness*, com 200 empresas. Cerca de 45% das empresas participantes são de pequeno porte. Incluem laboratórios que produzem vitaminas, confecções de artigos esportivos, livrarias e centros de tratamento estético. Segundo os organizadores da feira. O mercado esportivo movimentou R\$ 1,4 bilhão por ano no Brasil.

Aqui a utopia pode se transformar em corpos planejados em laboratórios e movimentar fortunas. Mas como resistir a esta onda, a esta moda, a este mandamento, a este imperativo categórico da atual humanidade?

O certo é que no mundo do "politicamente correto" talvez já não exista espaço para um poema como "*Tabacaria*", de Fernando Pessoa (1988, p.88). Um homem entra na Tabacaria e o poeta está pronto para escrever seus melhores versos:

Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los.
E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.
Sigo o fumo como uma rota própria,
E gozo, num momento sensitivo e competente,
A libertação de todas as especulações
E a consciência de que a metafísica é uma consequência
de estar mal disposto.

O poeta nunca pensou que um dia ninguém poderia fumar com tanta disposição, prazer ou competência, o mundo mudou.

No mesmo poema, o poeta fala dos chocolates. Mas, mesmo que de forma indireta, ele vai perceber que comer chocolates, pelo menos para ele, não é um gesto tão inocente ou cuja inocência pode ser posta em questão. Escreve Pessoa (1998, p.92):

(Come chocolates, pequena
Come chocolates!
Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.
Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.
Come, pequena suja, come!
Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha de estanho,
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)

Aqui, já não somos mais inocentes. Podemos ser "chocólatras públicos ou anônimos", fumantes clandestinos, carnívoros mordidos pelo remorso, vegetarianos à beira de um ataque de nervos, podemos ser tudo, menos inocentes. Todos aqui sabemos que devorar o mundo já não é um prazer puro. Todos temos que pagar um preço pelo que devoramos. Temos consciência de que somos devorados pelo que comemos. Entretanto, não podemos é nos deixar devorar por um corpo sem consciência. Não podemos deixar que a utopia de aperfeiçoar a humanidade seja reduzida a reflexos condicionados diante do espelho.

A sociedade da razão e do desconhecimento do sujeito negou a alma, tentou desconhecer o direito natural, e assim, delimitou suas próprias barreiras, colidindo com a necessidade humana da subjetivação, além das várias outras contradições e ambigüidades da modernidade, surgindo, então, o pensamento, e somente o pensamento, como significado de uma trincheira contra o arrasador poder tecnicista. VIANA DA SILVA in VARGAS, (2001; p:62)

II- Violência e Politização: Medalhas de Cinzas

Existem outras utopias. Falava-se também que o esporte seria o fim da violência, o fim de todas as guerras. A guerra era a continuação da política por outros meios. Ou a política é a continuação da guerra por outros meios. Já não sabemos bem a política da guerra ou a guerra da política. O fato é que se acreditava que o esporte seria uma forma de acabar com as guerras. Alguém um dia acreditou nisso. Muitos continuam acreditando. (Não sei se devo confessar que ainda tenho fé no esporte como força de paz e libertação ...)

Mas, sem dúvida, tornou-se difícil acreditar no esporte como um ato civilizador, como um simulacro benigno da violência, como um exorcismo das forças maléficas da desumanidade. Já vimos, e já vimos até demais, o esporte ser um espaço para a guerra, um campo de batalha para o chauvinismo, a barbárie, a manipulação das massas.

Para TUBINO (1992), a exacerbação dos resultados, enaltecendo o "chauvinismo esportivo" nas vitórias a qualquer custo, o interesse cada vez mais forte dos governos pelas disputas internacionais e conseqüentes propagandas, o grande salto na evolução da tecnologia esportiva, o aumento diário das horas de treinamento esportivo, o profissionalismo declarado ou disfarçado, a multiplicação dos casos de *doping* de esquemas de suborno passaram a substituir o quadro ético-esportivo anterior por um outro, tendente à consolidação de um conjunto de erros, vícios e distorções.

É insofismável que o fenômeno da violência no âmbito desportivo não é privilégio deste ou daquele país, a violência desconhece fronteiras e, hodiernamente, compromete sobremaneira o objetivo desportivo e seus derivados.

Já vimos demais o esporte ser a continuação da política e da guerra ao mesmo tempo. Continuamos vendo.

O exemplo dessa politização do esporte, nos dias de hoje, pode ser qualquer país. Já tivemos olimpíadas boicotadas pela política e até mesmo olimpíadas maculadas pela violência. O certo é que a união da mídia transformou o esporte em espetáculo, comício, evento. Permitam-me que lance aqui a idéia de que a mídia age sobre o esporte como uma espécie de *doping* coletivo. Espero que esta frase seja tomada como uma licença poética. Ou como uma tese que pensadores mais abalizados

poderão provar de forma científica. E o *doping* da mídia seria um equivalente ao *doping* individual nas competições de alto ranking, das performances à beira do sobrehumano. Ao transformar o atleta em semideus, a mídia exige deste mesmo atleta a quebra dos limites do simplesmente humano. No mundo da globalização, a imagem, a marca desportiva, a figura do atleta como 'herói desportivo' projetado e divulgado nos meios de comunicação, constituem importantes instrumentos de fácil comercialização e de valor de venda inusitado VIANA DA SILVA in VARGAS, (2001; p:65).

E esse *doping* pode ser bastante triste. A cocaína detectada na urina do recordista Javier Sotomayor comprometeu a imagem de um dos maiores atletas do mundo. Sabemos que o cubano é dono da melhor marca do mundo, com 2,45 metros. Quando os computadores que apontaram os resultados dos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg inexplicavelmente deixaram de piscar o nome e a marca de 2,35 metros do cubano Javier Sotomayor, medalhista de ouro no salto em altura. Duas horas depois, ele voltaria a despontar nas telas eletrônicas como o primeiro colocado na prova que já ganhara três vezes consecutivas, nos Jogos de 1987, 1991 e 1995.

O médico chefe da delegação de Cuba, Mario Granda, atribuiu o resultado positivo a alguma sabotagem. "Ele deve ter ingerido ou respirado no ar a substância", disse. "Não podemos acusar ninguém, espero que se descubra o que aconteceu, mas posso assegurar que Sotomayor não consumiu a droga e está muito surpreso com a notícia." Para Granda, Cuba foi vítima de um "doping não-médico". Foi uma alusão à ofensiva de empresários de Miami interessados em convencer atletas cubanos a desertar em troca dos dólares americanos. Na semana anterior, Joe Cubas, o mais notório desses caçadores de astros, anunciou a defecção de Dany Baez, uma das estrelas do beisebol, medalha de ouro no torneio. Exibiu-a como um troféu da Guerra Fria.

Nem o argumento de que a cocaína é droga de uso social, sem serventia para melhorar desempenhos esportivos, deverá contribuir para a amenização do vexame. Desde 1967 ela faz parte das drogas proibidas pelo Comitê Olímpico, que a incluiu na categoria de estimulantes. "É claro que ela não o fez saltar mais alto, mas representou algum estímulo", diz De Rose. O jornal Granma, órgão oficial do PC cubano, divulgou o desabafo de Sotomayor. "Fui vítima de uma canalhice", disse. O atleta frisou que a marca de Winnipeg foi alcançada por ele mais de 300 vezes. "Não preciso de drogas", arrematou.

O escândalo da cocaína na urina de Sotomayor é o maior do atletismo desde que, em 1988, na Olimpíada de Seul, o canadense Ben Johnson perdeu o ouro nos 100 metros por ter voado movido a anabolizantes. É especialmente desconcertante porque envolve um atleta que, em seu país, trabalha em campanhas contra o consumo de drogas e na luta antidoping. Montreal estavam fechados no laboratório com o resultado positivo, Sotomayor apareceu ao lado de Fidel Castro, em Havana, na festa de recepção ao time de beisebol vitorioso em Winnipeg. Recordista mundial com a marca de 2,45 metros, dono de 18 dos 25 melhores resultados do mundo na modalidade, Sotomayor - ao menos fora de Cuba - é um mito que tombou. Quando saltar, haverá a suspeita de que foi impulsionado por estimulantes. Fidel Castro sempre disse que a única droga consumida em sua ilha era a "estamina revolucionária".

Toda esta politização do esporte pode ser vista aqui no Cone Sul, na contramão de todo o discurso integracionista do Mercosul. Aqui, ainda dentro dos Jogos Panamericanos, tivemos

a grande batalha do ouro. A mídia brasileira fez uma ensurdecedora campanha para que não ficassemos atrás da Argentina entre os cinco primeiros colocados. Os dois países, como todos sabemos, terminaram empatados 25 medalhas de ouro, mas o Brasil conquistou o quinto lugar (32 medalhas de prata contra 19 da Argentina, 44 de bronze contra 28, um total de 101 medalhas contra 72 de nossos vizinhos portenhos). Esta triste vitória foi comemorada com manchetes nos jornais e fanfarras na TV.

Todos os vencedores, pelo menos os brasileiros, se enrolaram em bandeira nacional. A bandeira nacional virou a marca do esporte, da ideologização.

E neste jogo todos perdemos a oportunidade de confraternizar, de trocar experiências, de harmonizar nossos esforços em busca de uma excelência comum.

III- Religião e esporte: a aeróbica da fé

É mister a reflexão em torno do esporte e da religiosidade. Neste exato momento, aqui no Brasil, um dos pregadores mais famosos do país é o Padre Marcelo Rossi, que faz parte do Movimento Carismático, uma espécie de "contra-reforma" moderna da Igreja Católica brasileira para reconquistar fiéis perdidos para as congregações evangélicas protestantes. Por coincidência, ou não, o padre Marcelo Rossi teve como primeira vocação a educação física. Um dos seus maiores sucessos junto às multidões é a música chamada "Aeróbica do Senhor". Nesta música, aos tradicionais gestos litúrgicos e às manifestações gestuais da congregação, são acrescentados algumas séries de movimentos ginásticos.

O efeito é impressionante e, ao mesmo tempo, revelador. Nossa civilização ocidental sempre entendeu o homem como um campo de batalha entre o corpo e alma. O corpo seria apenas um pobre instrumento, um veículo provisório, o envoltório, substância de uma essência eterna, que seria a alma. Uma máquina feita de carne, mas movida pela energia poderosa do espírito. O corpo seria o local da dor, da degenerescência, da queda, do finito, pertencente a este baixo mundo da matéria. A alma seria a luz, a redenção, a transcendência, a fonte de comunicação direta com a divindade, pertencente ao mundo superior do espírito.

Tal dicotomia, tal esquizofrenia poderíamos dizer, dividiu o que deveria ser, por natureza, indivisível. Ao resgatar o corpo em sua dignidade, em sua realidade biopsicossocial, estaremos prestando um serviço único de trazer de volta ao ser humano o que existe de melhor em si mesmo: sua inteireza de estar no mundo, sem conflitos desnecessários, em harmonia interior e exterior, espírito e matéria em comunhão.

Muitos são os estudiosos que, no momento, procuram resgatar este aspecto "religioso" do corpo, contudo, a intelectualidade parece não ter despertado para o fato de que muitas das "batalhas" acerca dos conceitos de corporeidade e motricidade, estão cívicas de ideologias e religiosidade.

Não se trata de propor a criação de uma nova seita ou uma "religião do corpo". Entendo, sim, que seria produtivo combater contra todo o tipo de "narcisismo do corpo, contra todo tipo de tentativa de transformar o corpo em apenas "máquina", "tecnologia", "feixe de nervos", "campo de reflexos condicionados e condicionantes", enfim, não podemos cair na armadilha do "corpo enquanto corpo" e nada mais. É imperativo o entendimento do corpo como uma realidade biopsicossocial e da inserção na multiplicidade de um cosmo que não comporta unitarismos degradantes. O corpo não é uma instância unidimensional. A própria Ciência do Movimento Humano entende o corpo como

uma instância multidimensional. O corpo não se desloca apenas no espaço e no tempo: ele é espaço e tempo, um vetor do espaço-tempo, uma presença luminosa no cosmo, e se constrói historicamente com sentimentos e emoções.

Nesse sentido, seria preciso voltar à Antiguidade. Seria preciso lembrar que os Jogos Olímpicos instituídos na Grécia desde os tempos heróicos, tinham como objetivo apaziguar a cólera dos deuses, pedir-lhes um favor ou agradecer-lhes um benefício alcançado. O objetivo dos jogos era, assim, religioso e os seres humanos buscavam a união com os deuses através de atividades agonísticas. Os jogos não eram apenas uma ação em si mesma, mas uma oração.

O corpo não é apenas ação, mas também oração, criação. Ele não se apequena a uma realidade, mas ele inventa novas realidades. Ele não é prisioneiro da imanência; pelo contrário, ele é pura transcendência. O corpo não é uma máquina estúpida que sua, cansa e perde o fôlego. Não é uma matéria bruta que pode ser modelada como um barro qualquer. O corpo não é um cavalo no qual se monta e do qual, muitas vezes se cai. O corpo é algo que está para muito além da força muscular. Ele tem sua inteligência própria. E essa inteligência corporal vai além de qualquer reducionismo ou determinismo. O corpo é um ecossistema completo e que não se deixa apreender por sofismas ou modas. O corpo sonha, pensa, imagina, sente, cria, inventa, transcende, e se torna o depositário fiel de uma história que retrata a cultura e a episteme de uma época.

IV- A bandeira da utopia

Com isso deixamos de ser atletas com missões humanistas e passamos a ser atletas de ponta, funcionários atléticos, políticos etc.. De certa forma, já que a tendência parece inevitável caberá a todos nós manter acesa a chama da beleza, do pensamento humanístico, enfim. Não entregar "o ouro ao bandido", como dizemos nós, ou em outras palavras, não deixar que a utopia do esporte seja totalmente negada por outras sanções ou outras razões.

Neste mundo com uma configuração de aldeia global todo nós, de alguma forma, somos "contaminados" (no melhor dos sentidos é claro), pelos "vírus do esporte". É insofismável que optamos por um "modus vivendi" que a linguagem esportiva se torna uma espécie de idioma universal.

O apelo do esporte é de tal magnitude que todas as fronteiras, sejam elas ideológicas, religiosas ou de qualquer outra natureza cultural foram, no final do século passado, ultrapassadas pelo gigantismo das forças de penetração do esporte. É possível afirmar que a hominização do terceiro milênio tem a silhueta do "homo esportivus" LOVISOLO (1997) infere que ginástica e esporte foram visualizados como atividades que podiam colaborar com a formação dos corpos e do caráter a serviço da saúde, da produtividade, do nacionalismo, da felicidade e moralidade, entre outros valores. Sobre uma matriz formativa, e por vezes em contraposição, desenvolver-se um poderoso movimento ideológico e econômico, que levou o espetáculo esportivo a ser uma preferência na vida moderna juntamente com um estilo esportivo no modo de se vestir, alimentar, construir e operar com o corpo e na organização e prática do lazer LOVISOLO, (1997, p.7).

O esporte, na sociedade contemporânea, constitui uma espécie de amálgama para os males da automatização e da escassez de tempo que por vezes impulsiona a inversão dos verdadeiros valores humanos.

Para COSTA a contemporaneidade faz circular um sem-número de imagens, saturando seu consumo em grande escala, encaminhando as pessoas a valorizarem o apartamento das rotinas obrigatórias às quais os indivíduos estão expostos no cotidiano. A ruptura desse cotidiano por meio de práticas corporais e de mudanças de ambiente permite ao homem vivenciar uma sensação de liberdade e de agradável regeneração das forças despendidas pelo estresse da vida diária COSTA in VARGAS, (2001; p:105).

Destarte, torna-se impossível decompor as manifestações de outros fenômenos sociais das nuances do esporte. Para ARAGÃO, o desporto, como fenômeno social, como vida, como realização e harmonia interior, é tratado no universo de categorias com as quais convivemos no dia a dia, com os limites morais, com a Lei e o Direito, numa dimensão macro da ciência do Movimento Humano... O desporto, em quaisquer de suas dimensões, educação, lazer, resultado produtivo ou competição, torna-se uma necessidade, que transformadas suas normas ao agasalho da Lei, emerge na criação de uma legislação esportiva, moldada em sede do Direito Desportivo, como um conjunto de técnicas, regras e instrumentos jurídicos, capaz de responder a um ordenamento disciplinador e promotor de sua prática esportiva ARGÃO in VARGAS, (2001; p:79).

Para MELO DE CARVALHO in SÉRGIO e NORONHA FEIO (1978), a prática desportiva deve ser considerada como um direito do indivíduo. Mas este tem também o direito de que aquela prática se realize em condições que o não prejudiquem ou que atinjam sua integridade física.

Não resta dúvidas que o desporto pode ser considerado como um dos produtos resultantes do processo de acumulação de valores delineados pela criação do homem. Este sentido axiológico das atividades físicas permite às práticas em si, assim como às suas regras, um caráter transitório, posto que o dinamismo social contemporâneo é capaz de questionar e abalar os mais robustos pilares da normatividade social VARGAS (1995).

O esporte pressupõe valores, sentimento, cultura; pressupõe a existência cordial, solidária e pacífica. O esporte traduz uma forma possível de convivência harmônica livre de extremismos. O esporte talvez, constitua, neste momento de conturbação conturbação mundial, uma forma de "brinquedo", onde no imaginário do adulto, deste "novo" homem do terceiro milênio, seja possível o "fair play", onde a nova humanidade possa navegar na inocência juvenil, onde o prazer, o sonho, e a convivência pacífica sejam não só plausíveis, mas verdadeiras, sentidas, concretas.

Para BRONGERE (1997) o brinquedo parece apartado da reprodução do mundo real constantemente evocado por ele. É um universo espelhado que longe de reproduzir, produz, por modificação, transformações imaginárias.

É imperativo afirmar que o esporte pressupõe o equilíbrio e contempla o homem na sua harmonia. O esporte só se torna realmente concreto quando o homem torna real as possibilidades de vivenciar o corpo, uno e indivisível. Esta talvez seja a grande aventura humana do terceiro milênio, o grande desafio do homem: tornar verdadeira, concreta, sentida e vivida a emoção do corpo que o esporte requer. Assim, a intolerância, que na figura de Henri Rousseau traduz o "empirre de la discorde" e escreve de forma axiomática a guerra como uma longínqua e delirante imagem virtual. O desafio está lançado, e quem poderia duvidar da força do esporte como uma fonte inesgotável de energia para a construção da aventura humana? Nunca é demais lembrar a lição

de COSTA que nos ensina que a aventura tem um caráter mágico no imaginário humano. Todos carregam dentro de si o desejo de desbravar, de desprender-se a voar com liberdade, mas as máscaras sociais da cultura e do modo de educação que os envolve tolhe, em parte, esse desejo, fincando-lhes os pés na terra. Esses esportes de aventura e risco calculado realizados na natureza, que hoje se desenvolvem na sociedade, com certeza estão agasalhando esses desejos. Ousada, a aventura se apresenta sempre carregada de risco e de incerteza e carrega seus adeptos a vivência em mundos imprevisíveis COSTA in VARGAS, (2001; p.117).

Conclusão

A paz precisa ser preservada já que constitui o pilar fundamental da existência humana; no jogo de idiosincrasias, o esporte, quem sabe, como fenômeno social pode se tornar o mapeamento, a COSTA dos navegadores, dessa grande aventura que é tornar possível a continuidade do homem na grande pátria que é o planeta Terra.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C.. **A reprodução; elementos para uma teoria do sistema de ensino educacional**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1975.
- BROGERE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LOVISOLO, H.. **Estética, esporte e educação física**. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.
- NOVAES, J.. **Estética: o corpo na academia**. Rio de Janeiro: Shape, 2001.
- PESSOA, Fernando. **Obras Completas**. São Paulo: Aguiar, 1998.
- SANTIN, S.. **Educação Física: outros caminhos**. Porto Alegre: 1990.
- SÉRGIO, M.; FEIO, N.. **Homo ludicus**. Lisboa: Compendium, 1978.
- TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez, 1992.
- VARGAS, A. L.. **Desporte e traumas sociais**. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.
- VARGAS, A. L.. **Desporto: Fenômeno social**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

Artigo enviado em 11/10/2001, aceito em 16/03/2002